

Uma moeda de prata de cinqueta sens¹

Kawabata Yasunari

Tradução: Patrícia de Negreiros Philippsen²

Revisão: Meiko Shimon

I

No início do mês, a mãe costumava colocar com sua própria mão, na carteira de Yoshiko, uma moeda de prata de cinqueta sens.

Moedas de prata estavam se tornando raras naquela época. A moeda de prata que parecia leve e ao mesmo tempo pesada enchia de imponência e dignidade a pequena carteira vermelha de couro. Como ela tomava a precaução de não gastar sua mesada até o final do mês, a moeda costumava ficar na carteira, guardada na bolsa.

Embora não tivesse a intenção de rejeitar diversões próprias das moças de sua idade, Yoshiko não ia ao cinema ou à cafeteria com colegas de serviço por achar que não fazia parte de seu estilo de vida. Por não ter experimentado nenhuma vez, não se sentia atraída.

Uma vez por semana, ao voltar do escritório onde trabalhava, passava numa loja de departamentos e comprava o pão francês com o sabor apenas de sal, que ela adorava, por dez sens. Além disso, não fazia nenhum gasto especial.

Porém, um dia, na seção de artigos para escritório da Loja de Departamentos Mitsukoshi, um peso de vidro para papel chamou-lhe a atenção. Era de forma sextavada e com um cachorrinho em alto-relevo. Encantada com este cachorrinho, tomou-o nas mãos e sentiu o contato gelado e um peso inesperado que lhe proporcionaram uma sensação agradável. Yoshiko, que gostava dos artigos finamente trabalhados, sentiu uma atração irresistível. Por algum tempo colocou-o sobre a palma da mão, examinou-o e, com pena, devolveu-o cuidadosamente à caixa do mostruário. Custava quarenta sens.

Voltou lá no dia seguinte. Olhou aquele peso para papel com o mesmo ar de encantamento. E voltou a olhá-lo no dia seguinte. Repetiu isso cerca de dez dias, até que finalmente tomou a decisão:

— Quero isto.

Quando falou, sentiu o coração palpitando.

¹ Sen: um centésimo de iene, hoje em desuso.

² Acadêmica em Japonês-Português do Instituto de Letras – UFRGS.

Em casa, sua mãe e sua irmã mais velha riram.

— Parece um brinquedo isto que você comprou.

Enquanto o examinavam, pegando na mão, mudaram de opinião:

— Realmente, é mesmo muito bonito.

— É um trabalho bem feito.

Olharam-no contra a luz elétrica.

A face de vidro polida com esmero e a parte fosca do alto-relevo que lembrava a neblina encontrava-se em delicada harmonia e o corte preciso em hexágono apresentava um certo requinte. Era uma bela obra de arte para Yoshiko.

Havia spendido sete ou oito dias para que se tornasse objeto de sua propriedade. Por isso, não se importava com o que os outros comentassem, mas sentiu-se satisfeita com o reconhecimento da mãe e da irmã.

Levar dez dias para comprar algo de apenas quarenta sens poderia fazer as pessoas sorrir, pelo exagero, mas era necessário para ela, pois só assim ficaria satisfeita. Não tinha perigo de se arrepender por ter feito uma compra pelo impulso do momento. Refletia, contemplando o artigo por vários dias, até que chegasse à certeza do seu valor: não que essa menina de dezesseis anos tivesse tal bom senso. Ela tinha receio de desperdiçar dinheiro, pois fora ensinada que era algo muito precioso.

Passados três anos, quando recordaram do peso para papel e todas riram, a mãe falou com profunda emoção:

— Eu o achava realmente bonitinho naquela época.

Cada um dos pertences de Yoshiko tinha algum episódio como este que suscitava nostalgia nas pessoas.

II

Num domingo, Yoshiko foi à Mitsukoshi, aceitando o raro convite da mãe para fazer compras. Achando que era mais cômodo fazer compras indo até o último andar e depois descer, subiram de elevador até o quinto andar.

Terminaram de fazer as compras daquele dia e desceram até o térreo, no entanto, como se fosse algo totalmente natural, a mãe se dirigiu ao setor de ofertas do subsolo.

— Ai, mãe, está muito cheio! disse Yoshiko em voz baixa, mas a mãe não ouviu. Aquele ar de disputas de dianteiras parecia tê-la contagiado.

Sabendo que o setor de ofertas era feito para que as pessoas gastassem dinheiro sem motivo, Yoshiko seguiu atrás, um pouco afastada e

um pouco curiosa em observar a mãe. Como o ambiente estava bem refrigerado, não se sentia sufocada pelo calor.

Para começar, a mãe comprou três blocos de papéis para correspondência por vinte e cinco sens e virando-se para Yoshiko, trocaram sorrisos de satisfação, pois nos últimos dias vinha usando os papéis de Yoshiko que por fim reclamava. Assim, elas se olharam aliviadas: agora não teria mais problema.

A mãe era atraída por lugares mais abarrotados de pessoas, como os balcões de cutelaria ou roupas de baixo. No entanto, sem coragem para abrir caminho no meio das pessoas, ela se esticava toda para poder espreitar ou estendia a mão entre as pessoas que estavam a sua frente. Mas sem comprar nada e com ar de desapontamento, ainda demonstrando-se indecisa, encaminhou-se em direção à saída. Então, na saída, viu algo:

— Ué! Isto custa só noventa e cinco sens.

Pegou um guarda-chuva preto. Revirando os guarda-chuvas empilhados ali, a mãe ficou admirada ao observar que havia etiqueta de noventa e cinco sens em qualquer um deles.

— Barato, não é filha! Que barato!

Ao dizer isso, ficou subitamente muito animada. Parecia que aquele sentimento de indecisão que nublava seu coração tinha encontrado uma saída.

— Não acha que é barato?

— É mesmo! – disse Yoshiko que também pegou um. A mãe, segurando junto com Yoshiko o guarda-chuva, abriu-o:

— É barato, mesmo que considerasse só a armação. O tecido é imitação de seda, mas parece bastante firme.

Por que razão estariam vendendo por esse preço um artigo tão bem feito? Surgiu uma dúvida em Yoshiko e, então, em vez de entusiasmar-se, sentiu uma estranha aversão como se estivesse sendo empurrado algum artigo defeituoso. Por algum tempo esperou sua mãe que revirava a pilha freneticamente, procurando um que combinasse com sua idade.

— Mamãe, para o dia-a-dia a senhora tem em casa.

— Ah! Mas aquele lá – apenas lançou um rápido olhar para Yoshiko e continuou:

— Dez anos, ou será que tem quinze anos? E está antiquado e desgastado de tanto uso. Além disso, filha, seria até um bom presente para dar a alguém.

— Ah, sim! Se é para dar de presente, está bem.

— Quem quer que seja vai gostar de ganhá-lo.

Yoshiko sorriu, pensando para quem a mãe estaria escolhendo o guarda-chuva. Não havia ninguém com quem tivesse essa intimidade. Se tivesse, não usaria a palavra “alguém”.

— Vê isto, Yoshiko! O que você acha?

— Pois é . . .

Yoshiko respondeu sem muita vontade, mas se aproximou da mãe para ajudar a procurar um que combinasse com ela.

Mulheres vestidas de quimonos de tecido ordinário de seda artificial, ao passarem uma após outra, levaram os guarda-chuvas sem mostra de preocupação, dizendo: “Que barato!”

Yoshiko teve pena da mãe, que ficara com o rosto tenso e afogueado, e sentiu raiva de sua própria hesitação. Virou-se para ela com a intenção de dizer: “Compre logo qualquer um”. No entanto:

— Vamos desistir Yoshiko.

— Como?

Com um sorriso débil nos lábios, como se quisesse se livrar de algo, a mãe pôs a mão no ombro de Yoshiko e se afastou dali. Então, ao contrário, foi a vez de Yoshiko ficar com pena de desistir, porém caminhando cinco ou seis passos, sentiu-se totalmente aliviada.

Pegou a mão da mãe que estava em seu ombro, apertando com força, e sacudiu-a vigorosamente. Encostaram-se, ombro a ombro, e apressaram-se para a saída.

Isto havia acontecido há sete anos, em 1939.

III

Quando chovia na cabana coberta por folhas de zinco queimado, Yoshiko lembrava-se de que teria sido útil se tivesse comprado aquele guarda-chuva e sentia vontade de comentar, rindo, com sua mãe que o guarda-chuva custaria cem ou duzentos iens se fosse hoje, mas a mãe tinha morrido em Kanda, no grande incêndio de Tóquio³.

Mesmo que tivessem comprado o guarda-chuva, teria queimado também.

Aquele peso de vidro salvou-se casualmente. Yoshiko morava na casa dos sogros em Yokohama e quando a casa ficou em chamas, apressadamente apanhara os objetos ao seu redor e os colocara dentro do

³ Refere-se ao grande incêndio de Tóquio, de 19 e 20 de março de 1945, provocado pelo ataque aéreo da Força Aérea Americana que transformou as regiões Tóquio – Yokohama em cinzas, vitimou cerca de 210 mil pessoas entre mortos e feridos.

saco de emergência, estando entre eles o peso de vidro. Acabou sendo o único objeto de recordação de seu tempo de solteira.

Logo ao entardecer, ouvia-se os gritinhos estranhos das moças das vizinhanças nas travessas próximas, e comentavam-se que ganhavam cerca de mil iens em uma noite. Às vezes, Yoshiko olhava o gracioso cachorrinho esculpido, distraidamente, pegando na mão o peso para papel que levava sete ou oito dias para comprar, quando tinha a idade dessas moças, e ao perceber que não havia nenhum cachorro nas ruas da cidade, agora transformada em cinzas, sentia um baque no coração.

(Gojissen ginka: 1946)